

## VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### 40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

---

ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação [ST]

---

**AS ‘CENAS’ PUNK EM PORTUGAL (1977-2012): UM OLHAR SOCIOLÓGICO A PARTIR DA ANÁLISE DAS REDES DE PRODUÇÃO, DISTRIBUIÇÃO E CONSUMO DE FANZINES E E-ZINES**

---

QUINTELA, Pedro  
Doutorando em Sociologia,  
Faculdade Economia da Universidade de Coimbra  
[pedroquintela@ces.uc.pt](mailto:pedroquintela@ces.uc.pt)

---

GUERRA, Paula  
Doutoramento em Sociologia  
FLUP/IS-UP/CEGOT/GCCR  
[mariadeguerra@gmail.com](mailto:mariadeguerra@gmail.com)

---

FEIXA, Carles  
Doutoramento em Antropologia Cultural  
Universidad de Lleida  
[feixa@geosoc.udl.cat](mailto:feixa@geosoc.udl.cat)

---

FARRAJOTA, Marcos  
Autor/Editor/Bibliotecário,  
Bedeteca de Lisboa / Chili Com Carne  
[m\\_farrajota@netcabo.pt](mailto:m_farrajota@netcabo.pt)



### Resumo

Embora a prática de produção, distribuição e consumo de *fanzines* seja anterior à emergência do fenómeno do *punk* no Reino Unido e E.U.A., a verdade é que foi com ele que ganhou relevância, assumindo-se como um espaço de liberdade de pensamento e criação, bem como de alternativa aos *media* convencionais. Desde a década de 1970 o universo das *fanzines* expandiu-se de forma clara, a diversos níveis: em termos temáticos e de abrangência estilista, mas também em termos de abrangência territorial e dos suportes comunicacionais utilizados. Neste artigo propomo-nos a apresentar os resultados preliminares da investigação em curso (inserida no contexto de um projeto de investigação mais amplo sobre a função, desenvolvimento e consolidação do movimento *punk* em Portugal, entre 1977-2012) sobre o surgimento, desenvolvimento e transformação de práticas *punk*, subterrâneas e *do-it-yourself*, do qual as *fanzines* e, mais recentemente, as *e-zines* constituem um exemplo particularmente interessante. A partir de um conjunto alargado de *fanzines* e *e-zines* associadas ao movimento *punk* português, produzidas ao longo das últimas décadas (com particular enfoque nos anos 1990, 2000 e 2010), bem como da análise qualitativa de entrevistas que têm vindo a ser realizadas com alguns atores envolvidos na produção e consumo de *fanzines*, serão analisados alguns dos aspetos mais relevantes associados às suas redes de produção, distribuição e consumo. Procuraremos compreender qual a sua relevância (atual e passada) no contexto da 'cena' *punk/hardcore* em Portugal, quais os principais traços do seu desenvolvimento e transformação e, por fim, identificaremos algumas tendências de evolução e mudança, sempre que possível estabelecendo alguns pontos de comparação com estudos internacionais de cariz similar, de modo a identificar aspetos de convergência, mas também de diferenciação das *fanzines* e *e-zines* produzidas em Portugal relativamente às que são produzidas em outros países.

### Abstract

Although the production, distribution and consumption of *fanzines* is prior to the emergence of *punk* in the UK and USA, it was with this phenomenon that it became relevant, as an area of freedom of thought and creativity, and alternative to conventional media. Since the 1970s the *fanzines* scene clearly expanded, at different levels: thematically, graphically, but also in terms of territorial coverage and the kind of medium used. In this paper we present the preliminary results of an ongoing research on the emergence, development and transformation of *punk*, underground and *do-it-yourself* practices, in which the *fanzines* and, more recently, *e-zines* are interesting examples. This research was made in the context of a broader research project on the role, development and consolidation of the *punk* movement in Portugal, between 1977 to 2012. In this paper we came from a broader set of *fanzines* and *e-zines* associated with the Portuguese *punk* movement, produced over the past decades (particularly between 1990, 2000 and 2010), as well as qualitative analysis of interviews that have been conducted with some actors involved in the production and consumption of *zines*. We analyze some of the most relevant aspects related with the Portuguese *punk* *fanzines*' networks of production, distribution and consumption. The paper seeks to understand the *fanzines*' relevance (past and present) within the context of the *punk* / *hardcore* 'scenes' in Portugal, identify some of the main trends of evolution and change, establish some points of comparison with international studies of similar nature, in order to identify aspects of convergence, but also differentiation between *punk* *fanzines* and *e-zines* produced in Portugal and those produced in other countries.

Palavras-chave: *fanzines*; *e-zines*; *punk*; subculturas; *do-it-yourself*.

Keywords: *fanzines*; *e-zines*; *punk*; subcultures; *do-it-yourself*.

## 1. Introdução

Este artigo centra-se na análise dos *fanzines* e *e-zines punks* portugueses que tem vindo a ser realizada no âmbito do projeto de investigação “*Keep it simple, make it fast! Prolegómenos e cenas punk, um caminho para a contemporaneidade portuguesa (1977-2012)*”. Trata-se de um projeto de investigação financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/CS-SOC/118830/2010) que está a ser desenvolvido no Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob coordenação da Professora Paula Guerra, em parceria com o Griffith Centre for Cultural Research (Austrália), a Universitat de Lleida (Espanha), a Faculdade de Economia da Universidade do Porto, a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, a Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto, as Bibliotecas Municipais de Lisboa, entre outras. Pretende-se analisar a génese, desenvolvimento e consolidação do movimento *punk* em Portugal, tendo em consideração as mudanças que ocorreram na sociedade portuguesa contemporânea entre 1977-2012. Estamos, portanto, a estudar os diversos contextos e a ouvir diferentes atores sociais, numa perspetiva diacrónica e sincrónica, que procura cruzar tempos e espaços.

Uma vez que ainda existem poucos em Portugal estudos académicos que, de forma séria, se debrucem em profundidade sobre este tema, um dos grandes objetivos deste projeto tem sido proceder à recolha sistemática de dados empíricos existentes sobre mais de três décadas de manifestações do *punk* em Portugal. Ao longo dos últimos dois anos temos vindo a realizar:

- entrevistas com vários elementos-chave que estão ou estiveram ligados às cenas *punk* em Portugal em diferentes períodos históricos;
- observação etnográfica em eventos *punk*;
- recolha e catalogação de diversos materiais ligados às cenas *punk/hardcore* portuguesas, incluindo registos sonoros, cartazes, *flyers*, *fanzines*, etc.

É importante sublinhar, desde já, que a recolha, sistematização e análise de *fanzines* e de *e-zines*, ainda está em curso, pelo que ainda não é possível partilhar e discutir resultados definitivos resultantes deste trabalho.

O presente artigo tem por objetivo apresentar e discutir algumas conclusões preliminares que resultam da análise dos dados que foram já recolhidos, sistematizados e analisados. Em especial, pretende-se discutir: Qual é o papel dos *fanzines* e *e-zines* nas cenas *punk* em Portugal? De que modo estes objetos contribuíram para fomentar e impulsionar o movimento *punk* em Portugal?

O artigo encontra-se estruturado do seguinte modo:

- Primo, tecemos algumas considerações, de âmbito mais genérico, acerca da relevância dos *fanzines* e *e-zines* no contexto do movimento *punk* internacional;
- Centrando-nos nas especificidades do caso português, procura-se, de seguida, discutir qual a importância dos *fanzines* e *e-zines* na cena *punk* nacional.
- Apresentam-se, assim, alguns aspetos relacionados com a metodologia de recolha e análise da informação, sistematizando, de seguida, alguns resultados que resultam da análise em curso sobre *fanzines* e *e-zines punks* portugueses.
- Finalmente, concluiu-se sistematizando algumas questões que resultam da análise preliminar realizada, salientando alguns aspetos sobre os quais consideramos ser relevante refletir.

## 2. Punk e fanzines

Embora o surgimento dos primeiros *fanzines* tenha acontecido nas décadas de 1920-30 associado aos fãs de ficção científica, a verdade é que a produção, distribuição e consumo de *fanzines* ganhou relevância global com a emergência do fenómeno do *punk* no Reino Unido e E.U.A., durante os anos de 1970-80, assumindo-se como um espaço de liberdade de pensamento e criação *do-it-yourself*, e de alternativa aos *media* convencionais. Como refere Teal Triggs (2006), a propósito do caso inglês, desde cedo os *fanzines* se assumiram como uma parte muito importante da construção das ‘cenas’ *punk* – a par das bandas, dos discos,

dos concertos –, contribuindo ativamente para a criação e consolidação de um determinado sentido de comunidade. “Fanzines adopted the DIY, independent approach that punk musicians had espoused. With the rise of newly formed bands came the establishment of impromptu clubs, small, independent record labels and record stores (...). In the same way, fanzines offered fans a ‘free space for developing ideas and practices’, and a visual space unencumbered by formal design rules and visual expectations.” (Triggs, 2006: 70)

Os fanzines são normalmente objetos caseiros, produzido de forma artesanal e que têm, em geral, uma circulação limitada. Os *fanzines punk* tendem a ser escritos e publicados, individual ou coletivamente, por elementos ligados ao movimento *punk* e são objetos dirigidos aos seus pares (isto é, os conteúdos dos *fanzines punk* são dirigidos a outros aficionados *punk*).

Como Julia Pine (2006) refere, os *fanzines* são formas materiais de representação. São objetos construídos de um modo coletivo e voluntário que permitem aos indivíduos que participam neste processo (ao nível da edição, das contribuições e da distribuição) afirmarem sua existência social e participarem culturalmente; simultaneamente, os fanzines materializam-se num movimento local. “Unlike other publications, like books, which address the anonymous individual, or magazines, which seek to inform but also to entice and sell, punk zines were always written by insiders for insiders. They were often collective volunteer projects in terms of editing, contributions and distribution, and for the most part they invited feedback (although not always what you would call “warmly”). Belying the frequent “fuck you” attitude, they allowed their producers, (who, not incidentally, often lived at the periphery of the city or beyond or where otherwise house-bound), to declare their own existence, participation and stance, while at the same time helping to reify the local movement through concrete forms of representation. Zines were about conjuring up, connecting to and being part of the scene.” (Pie, 2006: 42).

Parece-nos, por isso, ser particularmente interessante analisar os conteúdos dos fanzines visto que, ao longo das suas páginas, encontramos frequentemente uma declaração das perspetivas ideológicas dos seus autores; do seu posicionamento político-social; do apoio a determinadas causas (direitos dos animais, por exemplo); entrevistas com bandas e outros elementos que integram as ‘cenas’ *punk*; recensões críticas de discos e *demo-tapes*, de concertos, de filmes, de livros ou mesmo de outros *fanzines*.

Mas em muitos fanzines há também uma componente muito importante de artigos com conteúdos mais pessoais e até mesmo com um cariz mais introspetivo. Como Stephen Duncombe (1997) evidenciou os pensamentos e a ética pessoal ocupam um lugar central neste tipo de publicações independentes auto-editadas. Alguns destes fanzines - que Duncombe define como "zines pessoais" e que são frequentemente designados pelo termo "*perzine*" – são lugares especialmente interessantes para compreendermos o modo como são ativamente construídas as noções de identidade, de juventude, entre outras, estabelecendo importantes demarcações simbólicas que visam distinguir os seus autores. “These personal zines are testimony that regular people think about themselves, about their experience, about politics, and about their role as creators and consumers of culture” (Duncombe, 1997: 29).

À semelhança de outras dimensões do movimento *punk*, a componente gráfica dos *fanzines* desempenha um papel tão ou mais importante do que os textos escritos. Na verdade, acontece muito frequentemente que as componentes escritas e visuais dos *fanzines* estejam tão profundamente misturadas que se torna praticamente impossível analisar separadamente cada um destes dois elementos.

Inspirada nos trabalhos de Beverly Best e Michel Foucault, Teal Triggs (2006) destaca como os fanzines *punks* desenvolveram uma "linguagem gráfica de resistência", tornando-se num fórum para o discurso político e até mesmo para a ação política. “For punk fanzines, language is communicated graphically through a system of visual signs and specifically in the conveyance of a message of ‘resistance’. (...) Punk fanzines are sites for oppositional practice in that they provide a forum for cultural communication as well as for political action, which should be included in any broader political discourse.” (Triggs, 2006: 73).

Analisando os conteúdos de muitos destes fanzines encontramos um debate recorrente acerca da ideia de uma cultura *underground*/alternativa – presente na defesa de questões relacionadas como a independência, o *do-it-yourself*, a ação direta, a autodeterminação, entre outras – que é colocada em confronto com uma ideia de cultura *mainstream*, que está evidentemente associada ao sistema capitalista vigente e uma visão

recorrentemente sustentada de que a sociedade contemporânea se encontra estruturada em torno do consumo de massas – e que inclui a crítica e a desconstrução de questões relacionadas com a ideia de "desenvolvimento", de "indústria da música", etc.

Ora, é importante salientar aqui que todos estes diferentes elementos – quer ao nível das temáticas abordadas nos textos, quer em termos da linguagem gráfica utilizada – já estavam presentes em fanzines como a *Panache*, *Sniffin' Clue* e a *Ripped & Tom* que, como sabem, assumiram um papel pioneiras na altura em que o movimento *punk* estava a surgir em Inglaterra, durante a segunda metade da década de 1970.

Deste modo, podemos considerar que estes primeiros *fanzines punk* deram uma contribuição decisiva para a criação de certa uma "linguagem", com características específicas quer em termos estéticos, como editoriais, que acabou por ser determinante na criação de uma espécie de "cânone subcultural". Nas últimas décadas, essa "linguagem" foi-se generalizando e globalizante, levando à reprodução de uma ética *do-it-yourself* e de uma certa maneira *punk* de "fazer" *fanzines* que, como iremos ver, continua a persistir hoje em dia.

Efetivamente, a análise que temos vindo a realizar dos fanzines *punk* produzidas em Portugal, desde finais dos anos 1970 até aos nossos dias evidencia, de uma forma bastante clara, o modo como esta espécie de "cânone subcultural" tem sido sucessivamente mantido e reproduzido também entre nós.

No entanto, sem dúvida que o papel desempenhado pela tecnologia deve ser aqui tomado em consideração. Com o desenvolvimento das chamadas Tecnologias de Informação e de Comunicação e, em especial, com o crescente uso do computador pessoal e o alargamento do acesso à Internet, há uma série de mudanças importantes no modo como os *fanzines punk* são produzidos, distribuídos e consumidos. Por um lado, constata-se que os *fanzines* tradicionais – impressos – são muitas vezes substituídos por *fanzines* eletrónicos (os chamados *e-zines*); assiste-se, por outro lado, a uma presença generalizada de *e-zines* em múltiplos espaços *online*: em *websites*, em blogs ou em redes sociais, como o *MySpace* ou o *Facebook*.

Para além disso, é ainda importante notar que, como aponta justamente Ruben Ramirez Sánchez (2012: 42), a ascensão da Internet veio permitir uma notável aceleração dos contactos internacionais entre diferentes 'cenas' *punk* locais. "Punk networks comprise diverse mechanisms that facilitate local and international relations in the service of a punk ideology, and their reliance on DIY as a mode of production is primarily made possible by the creation and development of social networks that power media making. (...) the emergence of technologies of interconnectedness has greatly contributed to the international growth of punk media infrastructures. Self-production hardware and software, such as digital recording and self-publishing technologies, have enriched the punk media infrastructure by facilitating the punk cultural production that is circulated through its networks." (Sánchez, 2012: 42). Recorde-se, contudo, que, já antes do advento da Internet, as fanzines desempenhavam um papel muito importante no estabelecimento de redes de contactos internacionais entre aficionados da 'cena' *punk*, feito através da troca postal não só de fanzines, mas também de discos, *demo-tapes*, *patches*, etc. O desenvolvimento recente da Internet tem sido muito importante, na medida em que veio permitir expandir mundialmente as relações entre bandas, *fanzines* e editoras dentro do *especto punk* (mas não só, uma vez que este é fenómeno extensível a outras 'cenas' estéticas e musicais).

Em todo o caso, o que gostaríamos de frisar aqui é que, apesar deste conjunto de profundas transformações, possibilitadas por evoluções técnicas e tecnológicas recentes, constata-se a persistência de uma série de elementos e de temáticas que permanecem centrais no imaginário *punk* global e que, portanto, não deixaram de aparecer em quase todos os *fanzines punks*. Eles são parte integrante do tal "cânone subcultural" sobre como deve ser produzido um *fanzine punk do-it-yourself* que especifica, ainda que de um modo não declarado, qual o tipo de linguagem gráfica a utilizar ou o tipo de temas que merecem ser aqui abordados.

### 3. Metodologia

O conjunto de breves considerações gerais sobre os *fanzines punk* – a sua origem, relevância, mudanças recentes –, anteriormente tecidas, parece-nos ser importante para discutir alguns aspetos mais especificamente relacionados com o caso português.

Contudo, é importante salientar, desde já, que não encontramos na literatura científica internacional orientações específicas em matéria de análise de conteúdo de fanzines. Por esse motivo, temos procurado desenvolver, no quadro do projeto de investigação em que se insere esta pesquisa, uma metodologia própria para a análise de conteúdo dos *fanzines* e *e-zines*.

Vale, por isso, a pena começar por fazer uma breve introdução aos procedimentos de recolha, sistematização e análise de dados.

Importa, assim, começar por referir que, com a notável exceção da Bedoteca de Lisboa – entidade parceira neste projeto de investigação e que é uma instituição pública com características únicas em Portugal na medida em que dispõe de um interessante acervo de fanzines de diversos géneros –, a generalidade das bibliotecas portuguesas habitualmente não compram nem catalogam *fanzines* (*punk* ou não).

Deste modo, foi necessário começar por recolher *fanzines punk* portugueses, utilizando principalmente as seguintes vias de recolha de informação:

- Compra de *fanzines* diretamente aos editores, ou indiretamente em concertos, eventos políticos, em centros comunitários e em okupas (*squatters*), etc.;
- Doação ou empréstimo de *fanzines* para digitalização, geralmente através dos entrevistados (elementos ligados ao movimento *punk*);
- Disponibilização do acesso à coleção pessoal de *fanzines* de alguns dos investigadores do projeto;
- Disponibilização do acesso ao acervo da Bedoteca de Lisboa, facultando ao projeto a digitalização de exemplares de *fanzines* ligadas ao movimento ou à estética *punk*;
- Pesquisa *online* de *fanzines* e, sempre que possível, o *download* (total ou parcial) dos conteúdos disponíveis.

Relativamente aos *e-zines*, a recolha de informação tem sido essencialmente realizada através do recurso a pesquisas *online*. No caso em que os *e-zines* estavam disponíveis na Internet mas que foram entretanto removidos, temos procurado identificar os editores, de modo a entrar em contacto com eles para pedir permissão para ter acesso a esses conteúdos.

No que diz respeito à sistematização dos dados recolhidos, foi criada uma base de dados tendo em vista cumprir dois objetivos distintos, embora complementares: por um lado, permitir à equipa de investigadores realizar uma análise sistemática de documentos recolhidos; e, por outro lado, criar um arquivo inédito sobre *punk* em Portugal, que estará alojado na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Esta base de dados, bem como todos os *fanzines*, registros sonoros, cartazes, *flyers*, fotografias e outros documentos e elementos iconográficos recolhidos vão estar disponíveis para consulta de todos aqueles que queiram posteriormente prosseguir com o estudo do movimento *punk* em Portugal.

Ainda que de um modo necessariamente abreviado, interessa aqui descrever e explicitar como temos vindo a organizar os conteúdos das *fanzines* que constam desta base de dados:

- Nome/designação
- Data de emissão
- Tipo (individual/coletivo)
- Editor do *Fanzine* – nome/designação
- Origem Geográfica do Editor *Fanzine* – Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS) de nível 3 (grupos de municípios)
- Custo (pago/gratuito)
- Preço (em Euros)
- Moeda

- Número total de *Fanzine* de páginas
- Aspeto Gráfico (cor, preto e branco)
- Impressão (Industrial - papel; Industrial - digital; fotocopiadas - papel; fotocopiadas - digital; *Fanzines* impressos em casa)
- Tipo de *fanzine* – embora todos os documentos incluídos na base de dados são *fanzines*, pretende-se através deste campo catalogar diferentes formatos: Jornal; Magazine; *Fanzine*; Portal/*Website* (quando o *fanzine* é apresentado como um *website* e não um PDF ou outro tipo de aplicação); *E-zine* (*fanzines* que estão exclusivamente hospedados na Internet); *Graphzine* (*fanzines* apenas/principalmente de ilustração); Boletim informativo; Livro; *Flyer*; etc.
- Assunto de incidência analítica (por vezes não temos acesso a todo o *fanzine*, por isso é importante explicitar que cada registro refere-se aspetos específicos do objeto: capa, todos os conteúdos, apenas um artigo)
- Tipos de artigos (entrevistas, críticas/recensões de discos, DVD/filmes, concertos; artigos de opinião/crónicas; publicidade; notícia, cartas de leitores; cartoons; editoriais; outros)
- Tipo de Imagens (Gravura/Desenho/Pintura; Banda Desenhada; Cartoon/Caricatura; Fotografia; Colagem)
- Temáticas discutidas (Musica; Atitude; Saúde; Política; Humor; Outros)
- Nomes de bandas mencionadas/discutidas (em entrevistas, reportagens de concertos, críticas/recensões de discos; outro tipo de comentários/registros)
- Cenas que são referidas/mencionadas (em entrevistas, reportagens de concertos, críticas/recensões de discos, artigos de opinião)

O trabalho de recolha e análise de *fanzines* e *e-zines punks* portugueses iniciou-se há cerca de um ano e encontra-se ainda em curso, conforme foi já referido anteriormente. Como seria talvez expeável, a equipa de investigadores tem encontrado maiores dificuldades na recolha de *fanzines* publicadas entre finais da década de 1970 e durante os anos 80; pelo contrário, tem sido bastante mais fácil encontrar e recolher *fanzines punk* editadas nas décadas posteriores (desde os anos 1990 até à atualidade).

Estas dificuldades estão estreitamente relacionadas com a escassa perceção, durante as décadas de 1970 e 80, da importância da preservação dos *fanzines* enquanto documentos que relevância para a futura memória histórica do movimento *punk* em Portugal. Ao contrário de muitos dos discos *punk* pioneiros desta época, que foram preservados e são hoje objetos raros, cobiçados por colecionadores e aficionados (como, por exemplo, o primeiro e único LP dos *Corpo Diplomático*, “Música Moderna”, editado em 1979), no caso dos *fanzines* tem sido difícil identificar muitas destas publicações. Estamos, contudo, confiantes de que ainda existem exemplares de alguns destes *fanzines punk* pioneiros em Portugal, importando prosseguir com os esforços para identificar e contactar os detentores de *fanzines punk* portugueses, de diferente épocas, sensibilizando-os para o interesse e relevância deste projeto de investigação.

Até este momento foi possível recolher, digitalizar e analisar perto de 90 *fanzines punks* portugueses (alguns deles com vários números). Para além destes, importa acrescentar que outros *fanzines punks* portugueses foram já entretanto recolhidos mas que estão ainda em processo de digitalização e catalogação.

#### **4. *Fanzines punk* em Portugal: considerações preliminares**

Partindo da análise realizada até este momento, este capítulo do artigo procura apresentar, de forma breve, algumas considerações preliminares. Trata-se de um primeiro exercício de tipificação dos cerca de 90 *fanzines* que constituem atualmente o nosso corpus de análise, entrecruzando uma leitura das temáticas abordadas e das técnicas e estética gráfica, com a análise do tempo histórico em que as diversas históricas foram produzidas.

### *Finais dos anos 70: os pioneiros dos fanzines punk em Portugal*

Os primeiros *fanzines punk* surgem em Portugal a partir de finais dos anos 1970, na zona de Lisboa. É o caso do fanzine *Desordem Total*, editada por Nuno Esterco, Luís Bosta e Pedro Merda, com seis números publicados entre 1978 e 1979, e do fanzine *Estado de Sítio*, editado por Paulo Borges – que também era membro dos *Minas e Armadilhas*, banda *punk* pioneira em Portugal –, que publicou pelo menos seis números do fanzine ao longo do ano de 1978.

Em ambos os casos, os editores assumiram uma orientação estética *do-it-yourself*, assente numa mistura de técnicas de *cut-and-paste*, recorte, desenho/ilustração, textos escritos à mão e dactilografados, manipulação de fotografias o que, como vimos antes, é perfeitamente coerente com a generalidade dos *fanzines punk* ingleses e norte-americanos deste período.

Numa época em que o movimento *punk* em Portugal estava ainda num estágio de desenvolvimento embrionário, encontramos nestes primeiros *fanzines* essencialmente um espaço de comentário sarcástico acerca da realidade político-social nacional e internacional. São também frequentes referências a bandas *punk* anglo-saxónicas (essencialmente através de fotos dos elementos de bandas, nem sempre identificadas).

### *Anos 80: um primeiro 'boom' de fanzines punk em Portugal*

Acompanhando o desenvolvimento das 'cenas' *punk* no nosso país, assiste-se durante os anos 1980 a uma certa proliferação de *fanzines*, mantendo-se ainda nesta fase uma certa concentração nas áreas de metropolitanas de Lisboa e Porto. Neste período, identificam-se *fanzines punk* relevantes como o *Subversão* (1982), o *Subúrbios* (1985), o *Tosse Convulsa* (1985), *O Cadáver Esquisito* (1986), o *Lixo Anarquista* (1986-87), o *Suicídio Colectivo* (1987), o *Anarkozine* (1987), o *Post Scriptum* (1987-88), o *Morte à Censura* (1988) ou o *Culto Urbano* (1988-89), entre outros.



Imagem 1 – Capa e contracapa do fanzine *Cadáver Esquisito* (Abril/Maio/Junho de 1986).

Embora se mantenha presente uma dimensão fundamental de crítica político-social, a dimensão musical ganha uma clara relevância a partir deste período, evidenciando-se a relevância dos *fanzines* enquanto espaço de divulgação de bandas, quer nacionais, quer internacionais. Tornam-se, por isso, frequentes os

artigos sobre bandas *punk* e *hardcore* (subgénero que, nestes anos, irrompe em Portugal) e também reportagens sobre algumas ‘cenas’ internacionais (Austrália, E.U.A., Brasil, Itália, etc.), numa primeira fase recorrendo essencialmente a fontes secundárias (artigos de jornais, *press-releases* das bandas, etc.), mas progressivamente incorporando materiais originais, em geral através da realização de entrevistas.

Do ponto de vista gráfico, os *fanzines punk* produzidos durante os anos 1980 refletem um certo amadurecimento dos seus produtores, verificando-se que em muitos casos uma apresentação formalmente mais cuidada, mas mantendo ainda assim uma grande coerência com a abordagem *do-it-yourself* que, desde os primórdios, sempre caracterizou a cultura *punk*.

#### *Anos 90: proliferação, dispersão e diversificação*

Analisando o conjunto de *fanzines punk* editadas durante os anos 1990 torna-se evidente o aprofundamento de algumas das tendências que era já possível identificar na década anterior.

Assiste-se, em primeiro lugar, a uma diversificação dos subgéneros *punk* abordados, que se reflete num protagonismo crescentemente atribuído ao *crust* e ao *hardcore straight-edge*, por exemplo, mas também numa maior abertura à incorporação de outras estéticas *underground* (não só géneros musicais como o *hip hop*, o *reggae-dub* ou determinados subgéneros de música eletrónica são abordados, como também se abordam questões relacionadas com o *skate*). A análise das várias bandas e editoras abordadas em *fanzines* deste período permite-nos compreender algumas redes de relação entre as cenas *punk* internacionais. Numa primeira análise, ainda muito superficial, destaca-se uma estreita relação entre bandas portuguesas e ‘cenas’ *punk/hardcore* no Brasil e em Espanha, evidenciada numa circulação regular de discos, bandas e, com relevância menor, *fanzines* entre os dois países já está bem estabelecida. Apenas a título de exemplo, encontramos em algumas das *fanzines* deste período referências a bandas portuguesas que se encontram em *tour* no Brasil, em Espanha e na Alemanha, como foi o caso da banda *vegan straight-edge X-Acto*.

Simultaneamente, adquirem importância nas páginas dos *fanzines punk* portugueses desta época, questões ético-políticas relacionadas com a ideologia anarquista-libertária, direitos das mulheres, vegetarianismo/veganismo, direitos dos animais, homofobia, consumo de drogas, entre outras.

O surgimento do computador em Portugal que, no decurso da década, vai adquirir uma relevância crescente, revela-se bastante marcante do ponto de vista gráfico, uma vez que muitas dos *fanzines* produzidas durante este período denotam já um maior apuro técnico, afastando-se de um certo purismo estético do *cut-and-paste* que marcou as primeiras etapas do *punk*, em Portugal e no estrangeiro.

Neste período destacam-se, entre outros, *fanzines* como o *Mutante* (1992), o *Grito de Revolta* (1992), o *Crack* (1992, 1993 e 1995), o *Vontade de Ferro* (1994), o *Animal Abuser* (1995), o *Golpe Baixo* (1996), o *Global Riot* (1996), o *Insubmissão* (1997), o *Kannabizine* (1997), o *First Step* (1998), o *Out of Step* (1996-98), o *Hope* (1998), o *Bakuzine* (1998), o *Se o «voto é a arma do povo»...* (1998), o *Zona Autónoma Provisória* (1999), o *Convicção* (1999), o *Rebeldia* (1999), o *Spirit of Youth* (1999), entre outros.

#### *Os anos 2000: apuro e aprofundamento*

Ao longo dos últimos treze anos a atividade de produção, distribuição e consumo de *fanzines* nas ‘cenas’ *punk* portuguesas parece não ter abrandado. Entre outros *fanzines* editados durante os últimos 12 anos, podem referir-se os seguintes: *Inhumanus* (2000), *San Bao* (2000), *Sisterly* (2000), *Vontade de Ferro* (2001), *Opinion* (2001), *Wake up and Live* (2001), *Two Sides* (2001), *Suburbano* (2002), *Acção Directa* (2004), *X.cute* (2005), *Crise Social* (2005), *Porque Nada se Constrói Sozinho* (2006), *Backfire* (2007), *Grita!* (2007), *Comedores de Cadáveres* (2008), *Not Just Words* (2007-09), *A Culpa é da Humanidade* (2008-2012), *Alambique* (2007-2013), *O Alfinete* (2011-2013), *Kaos Urbano* (2007, 2010-11), *Apupópapa* (2010), *Núcleo Duro* (2012), *The Juice* (2012), *Prego* (2013), *Möndo Brutal* (2011-2013), *Jubiladxs* (2012), *City Lights* (2011), *Humble: skate zine* (2011-12), *Overpower Overcome* (2009 e 2012), *Deflagra* (2008, 11-13), *Karapaça* (2013).

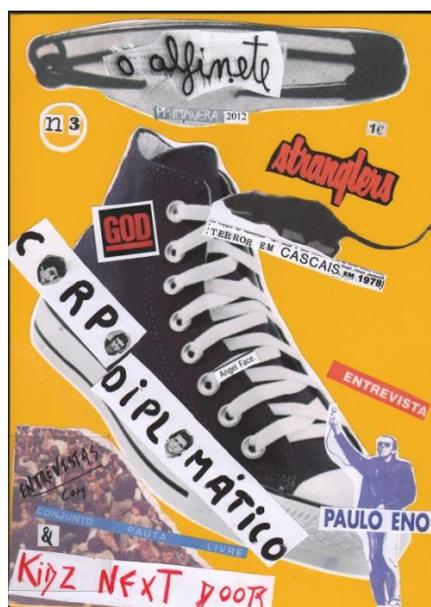


Imagem 2 – Capa do *fanzine O Alfinete* (Primavera de 2012).

Embora o início da primeira década de 2000 seja definitivamente caracterizado pelo surgimento de diversos fóruns, blogues e *e-zines* ligados às várias ‘cenas’ *punk* que, à semelhança de outros contextos, têm procurado aproveitar as potencialidades da Internet (na suas diversas plataformas), para uma rápida, fácil e barata divulgação de bandas, discos e acontecimentos relevantes dentro das ‘cenas’ *punk* nacional (concertos, festas, lançamento de discos, etc.), a verdade é que os tradicionais *fanzines*, publicados em formato papel e distribuídas em circuitos *underground*, continuam a evidenciar uma forte resiliência (ver Gráfico 1). Esta é uma tendência que, embora contenha especificidades próprias associadas ao universo do *punk*, se insere numa lógica mais abrangente de valorização do retro, do analógico, do *vintage* e de uma certa memória estética e ética associada a determinadas manifestações culturais. De facto, e embora assumindo moldes diversos do passado, os *fanzines* continuam hoje a assumir-se como um espaço poderoso de afirmação de um certo espírito *do-it-yourself* inspirado na cultura *punk*, integrando, de um modo singular, conteúdos de texto e imagem para os quais continua a não haver espaço noutros *media*.

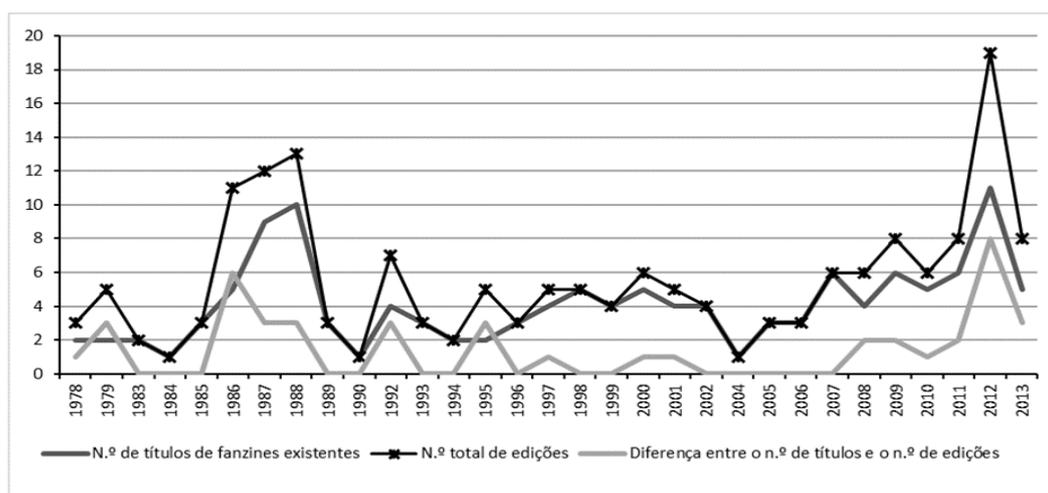


Gráfico 1 – Evolução do nº de títulos de *fanzines* e do nº de edições de *fanzines*, entre 1978 e 2013. Fonte: base de dados KISMIF

Em termos temáticos, por um lado, mantém-se a tendência observada na década anterior para uma haver certa diversificação dos subgêneros musicais *punk* abordados, bem como uma crescente abertura à incorporação de outras estéticas *underground*, não só musicais mas também a fotografia, o cinema, a banda desenhada e ilustração.

Ao contrário do que se sucedida durante a década anterior, muitas das reportagens sobre bandas *punk/hardcore* centram em bandas “históricas” da cena portuguesa (caso de algumas entrevistas com membros de bandas emblemáticas dos anos 1990 como, por exemplo, os *X-Acto* ou os *New Winds*, por exemplo), por vezes apresentando um olhar quase nostálgico. Esta parece-nos ser uma mudança importante, na medida em que é reveladora de um crescente interesse dos protagonistas atuais por construírem um olhar acerca do passado da ‘cena’ – que raramente encontramos em décadas anteriores. É igualmente notória a reduzida atenção dada a bandas internacionais: nos anos 2000, os *fanzines* tornam-se essencialmente espaços dedicados ao contexto português, o que parece evidenciar uma relativa mudança de orientação editorial em muitas destas publicações, possivelmente justificada pelo advento da Internet (que, como é sabido, adquire uma certa massificação em Portugal na viragem para o século XXI), que vai facilitar o acesso e o conhecimento a ‘cenas’, *fanzines*, editoras e bandas *punk* internacionais.

Por outro lado, nos últimos anos adquiriram uma crescente importância nos *fanzines punk* portuguesas diversas questões relacionadas com a esfera ético-política, em sentido amplo. Embora se mantenha uma forte tendência para a maioria dos *fanzines* abordarem, simultaneamente, aspetos de natureza ideológica, política e ética e questões relacionados com o universo musical *punk/hardcore* – tendência que, conforme vimos, prevalece desde os anos 1980 – a verdade é surgem nos últimos anos alguns *fanzines* particularmente orientados para a reflexão e crítico político social de pendor ideológico libertário/anarquista. Relativamente à dimensão política, é interessante notar que, ao contrário do que parece estar a acontecer em artigos mais relacionados com música e ‘cenas’ *punk* locais, nestes caso ainda existe uma combinação de dimensões claramente internacionais com outras que se encontram fortemente enraizadas na realidade local.

Assim, encontramos textos que, por um lado, abordam aspetos genericamente relacionados com a natureza opressiva da sociedade capitalista, sem uma ligação específica a um território ou comunidade particular (como, por exemplo, a exploração, o capitalismo, o desenvolvimento, etc.); mas, por outro lado, também existem uma série de crónicas de opinião, entrevistas e reportagens em que se abordam preocupações específicas, ligados a um contexto local bem definido. O caso do *fanzine Alambique*, publicado desde 2007 em Aljustrel (Alentejo), constitui um bom exemplo dessa articulação de questões sócio-políticas mais gerais com outras preocupações locais, profundamente enraizados história e socialmente.

## 5. Notas finais

Para concluir, gostaríamos de, de uma forma breve, salientar alguns aspetos que, em nosso entender, resultam da análise realizada até este momento, e que podem apontar pistas de pesquisa relevantes para a investigação que ainda se encontra em curso.

Em primeiro lugar, importa ressaltar que mais de três décadas após o surgimento do movimento *punk* no Reino Unido – e, neste contexto, do aparecimento dos primeiros *fanzines punk* –, o *fanzine* parece permanecer atual e relevante. Esta relevância está profundamente relacionada com a forma como uma certa ideia de ética *do-it-yourself* se disseminou e está hoje totalmente integrada e globalizada no interior do movimento *punk* (e mesmo para além das suas fronteiras). Efetivamente, apesar do uso generalizado da Internet e da chamada *Web 2.0* – que, nomeadamente, através da utilização dos blogues e das redes sociais *online*, vieram colocar em questão a pertinência dos modelos tradicionais de *fanzines*, publicados em papel e, em geral, distribuídos de uma forma rudimentar e relativamente circunscrita –, a verdade é que, nos últimos anos, se tem assistido a um certo ressurgimento deste tipo de publicações *do-it-yourself*, independentes, autoeditadas.

Como tivemos oportunidade de referir anteriormente, parece-nos que o interesse em manter o formato dos *fanzines* publicados em papel e com uma estética gráfica específica está relacionada com uma certa maneira de pensar e produzir os *fanzines punk* que persiste desde a década de 1970 até os dias atuais. Apesar de todas

as mudanças e transformações que o movimento *punk* sofreu na última década, os *fanzines punk* que atualmente são produzidos continuam a seguir um certo "cânone" – tanto em termos gráficos, como em termos de conteúdo editorial – que tem suas raízes nos primeiros *fanzines punk*, publicados nos anos 70 e 80.

No entanto, é importante salientar que, embora muitos dos *fanzines punks* portugueses atuais reafirmem este "cânone" *punk*, eles também introduzem novas questões e novas preocupações. Efetivamente, analisando alguns *fanzines punk* portugueses, sobretudo os mais recentes, constata-se que têm sido introduzidas algumas preocupações específicas e bastante bem situadas do ponto de vista territorial – isto é, são abordadas questões relacionados com realidades histórica, política, social e culturalmente bem delimitadas, pois estão relacionadas com comunidades e ‘cenas’ locais particulares. É o caso, por exemplo, de alguns artigos sobre as raízes históricas do movimento anarquista no Alentejo, que encontramos nas páginas do *Alambique*. Refira-se ainda um outro exemplo, que está relacionado com a preocupação em “historiografar” alguns episódios recentes das ‘cenas’ *punk* em Portugal, procurando reconstituir determinados períodos históricos ou recolher testemunhos de bandas emblemáticas nacionais que entretanto desapareceram, já referido antes.

Um outro exemplo, de um âmbito um pouco diferente, está relacionado com a introdução do tema da maternidade, um problema novo que é abordado, pelo menos, num dos *fanzines* analisados. Trata-se de um novo tópico que nos parece importante analisar de forma mais detalhada, pois está estreitamente relacionado com o modo como o movimento *punk* e alguns dos seus membros têm vindo a lidar com a questão do envelhecimento e com as responsabilidades próprias que estão associadas à passagem para a idade adulta.

Em segundo lugar, a análise que foi possível realizar até este momento parece indicar que os *fanzines punk* portugueses continuam hoje – tal como no passado – a desempenhar um papel muito importante na construção de um sentido de comunidade *underground*, fortemente enraizada localmente mas, ao mesmo tempo, evidenciando uma grande capacidade para estabelecer ligações com outras ‘cenas’ *punk* locais espalhadas um pouco por todo o mundo. Os *fanzines* continuam, assim, a ser espaços privilegiados de expressão e de comunicação, mas também da afirmação da pertença do editor à ‘cena’ *punk/ hardcore* – esta dimensão identitária continua a ser hoje um aspeto muito relevante na análise dos *fanzines punk*.

É, contudo, importante reconhecer que os *fanzines punk* já não têm hoje a mesma função essencial que assumiram, nomeadamente durante os anos 1980 e 90, no estabelecimento de contactos nacionais e internacionais dentro do movimento *punk*. Efetivamente, com o assinalável alargamento do acesso à Internet em Portugal, que ocorreu na última década e meia, o estabelecimento desses contatos tornou-se muito mais fácil, rápido e regular. No entanto, os *fanzines* parecem continuar a desempenhar hoje em dia um papel muito importante para a consolidação dessas relações e redes sociais. Além disso, devido ao modo peculiar e muito pessoal como integram as componentes de texto e os elementos gráficos, os *fanzines* são, de alguma forma, um objeto irrepetível num formato digital *online* (por exemplo, em blogues ou nas redes sociais). Estamos, em suma, perante um retorno ao passado ou estaremos, pelo contrário, a assistir a algo novo? Tratar-se-á de um fenómeno autêntico ou é antes uma “mera” reprodução de fórmulas do passado, que se globalizaram e que são hoje incessantemente repetidas, uma e outra vez?

Talvez seja muito cedo para tirar conclusões definitivas. Parece-nos, contudo, que, em todo o caso, o conjunto de documentos que já foram recolhidos, catalogados e analisados pela equipa colocam-nos desde já perante um conjunto de questões e de caminhos de investigação que nos parecem ser bastante interessantes e estimulantes.

## Referências Bibliográficas

Atton, Chris (2002). *Alternative Media*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage

Borges, Haydée Crystina Felipe (2009). *Fanzines e as novas tecnologias: possíveis contribuições da Internet para as publicações alternativas da década de 1980*. Tese de Mestrado em Design da Imagem. Porto: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto

Duncombe, Stephen (1997). *Notes from underground: Zines and the politics of alternative culture*. London & New York: Verso.

Pine, Julia (2006). Cold Press: Early Punk Fanzines in Canada's Capital, *Volume!*, 5: 1, 27-44

Sánchez, Ruben Ramirez (2012). From Zines to MySpace: A Case Study of Media Infrastructures and Counter-power in the Puerto Rican Underground Punk Scene, *Journal of Latin American Communication Research*, 2 (1), 37-60

Triggs, Teal (2006). Scissors and Glue: Punk Fanzines and the Creation of a DIY Aesthetic, *Journal of Design History*, Vol. 19, No. 1, 69-83